

Revisitando “Brasília: contradições de uma cidade nova” (1967)

Revisiting “Brasília: contradições de uma cidade nova” (1967)

Fausto Barreira Sombra Junior

Universidade Presbiteriana Mackenzie, Rua da Consolação, Consolação, SP, Brasil
sombra_arquitetura@hotmail.com

RESUMO

Por meio de escritos do arquiteto Lucio Costa, de fins da década de 1960, e de citações de outros reconhecidos intelectuais, o texto a seguir busca resgatar algumas das importantes reflexões presentes no documentário, que no ano de 2017 completou 50 anos: *Brasília: contradições de uma cidade nova*, curta-metragem dirigido e produzido em 1967 pelo cineasta Joaquim Pedro de Andrade – figura reconhecida pertencente ao chamado Cinema Novo – e que contou com a participação de nomes como o arquiteto Luís Saia e o cineasta belga Jean-Claude Bernardet, como roteiristas, e tendo como financiadora e mandatária a empresa Olivetti do Brasil.

Palavras-chave: Brasília, contradições de uma cidade nova, Joaquim Pedro de Andrade, Lucio Costa.

ABSTRACT

Through the writings of the architect Lucio Costa, in the late 1960s, and quotes from other well-known intellectuals, the following text seeks to rescue some of the important reflections made in the documentary *Brasília, contradições de uma cidade nova* [*Brasilia: contradictions of a new city*], a film directed and produced in 1967 by the filmmaker Joaquim Pedro de Andrade, a recognized figure belonging to the so-called Cinema Novo. The documentary was attended by names such as the architect Luis Saia and the Belgian filmmaker Jean-Claude Bernardet, as screenwriters, and it had Olivetti do Brasil as sponsor and agent.

Keywords: Brasilia, contradictions of a new city, Joaquim Pedro de Andrade, Lucio Costa.

“A gente tinha preocupações de ordem cultural, social, política, e pensava sempre o cinema também como um meio de agir sobre a sociedade, de transformar as coisas. A gente acreditava muito no poder do cinema.”

Joaquim Pedro de Andrade¹

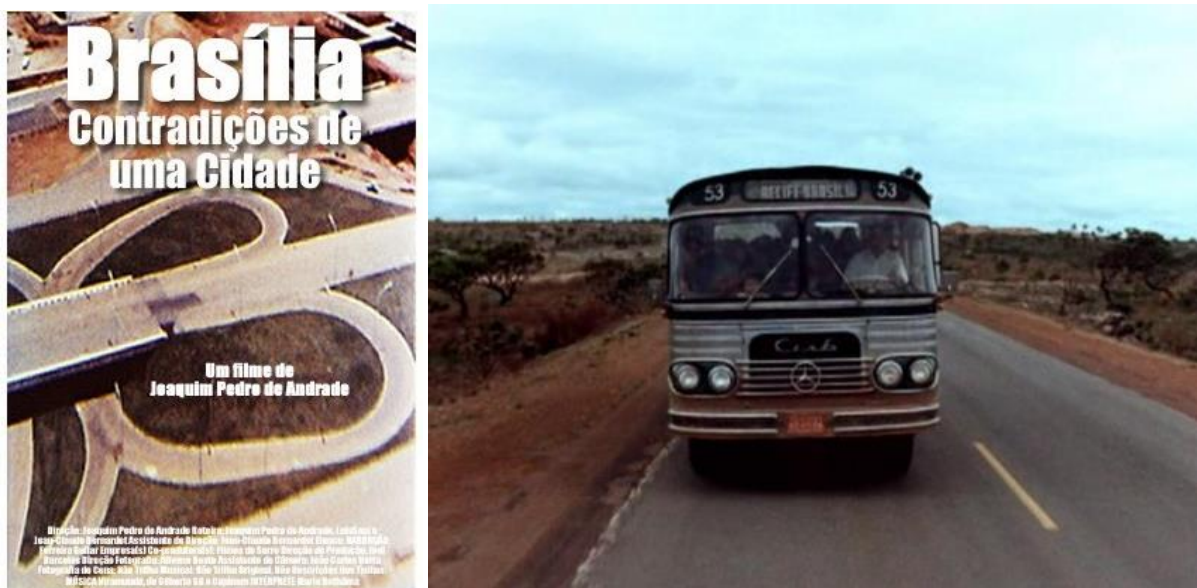


Figura 1 e 2: Foto divulgação do curta-metragem *Brasília: contradições de uma cidade nova*, 1967

Fonte: [<http://www.lilialustosa.com/2014/08/25/brasilia-contradicoes-de-uma-cidade-nova-1967/>]

Fonte: [<http://www.kinoforum.org.br/curtas/2014/filme/40328/brasilia-contradices-de-uma-cidade-nova>]

1. A CONSTITUIÇÃO DE BRASÍLIA: DEFESA E CRÍTICA

A conformação da cidade de Brasília é entendida por muitos estudiosos como um dos mais expressivos fenômenos relacionados às correntes da arquitetura moderna ocidental no século 20, fato comprovado pela recorrente análise e crítica feita por um vasto número de profissionais das mais diferentes áreas, ao longo dos últimos 60 anos, período que se inicia a partir da publicação do Edital do Concurso Nacional do Plano Piloto, em 20 de setembro de 1956, e momento no qual também se criava a Novacap, Companhia Urbanizadora da Nova Capital, instituição responsável pela definição das diretrizes urbanas da futura capital do país, então sediada na cidade do Rio de Janeiro, localização que para muitos conferia certa vulnerabilidade ao governo diante das “trepidações”² político-administrativas cariocas, e também por criar obstáculos ao crescimento e a interiorização da federação, que historicamente voltou as suas atenções na criação e na “modernização” de centros mais próximos à costa litorânea, deixando vasta extensão de território nacional em segundo plano.

¹Transcrição do depoimento de Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988), presente no longa-metragem *Plano B*, dirigido por Getsemane Silva, de 2013.

²Uma breve descrição encontrada na extinta Revista *Manchete* – exemplar especial da inauguração da nova capital – corrobora com a afirmação em questão: “O Poder Judiciário mudou-se completo e de uma só vez. Os ministros do Supremo terão agora a calma do Planalto em lugar da vida trepidante do Rio.” MANCHETE. “O Supremo ocupa um dos prédios mais bonitos”. In: Revista *Manchete. Brasília: edição histórica*. Editora Bloch, 21 abr. 1960, p. 19.

Tais circunstâncias já seriam descritas na apresentação do livro *O concurso de Brasília: sete projetos para uma capital*, de autoria de Milton Braga e publicado em 2010, no qual o pesquisador Guilherme Wisnik nos elencará uma gama de fatores que levariam à construção de Brasília, se estendendo desde motivações de ordens “visionárias quanto pragmáticas”:

A opção pela interiorização da nova capital aparece impulsionada por uma soma difusa de fatores, em que se cruzam, em linhas gerais, motivações de ordens visionárias quanto pragmáticas. No primeiro grupo, podemos elencar a busca simbólica do “paraíso terreal” associado à mitologia do Novo Mundo e à ocupação de territórios edênicos junto às nascentes dos grandes rios do continente. E ainda o impulso épico de uma nova “marcha para o Oeste”, reforçando a vocação bandeirista de construção da unidade nacional. No segundo grupo, encontramos desde a preocupação inicial com uma maior segurança do Estado contra ataques marítimos até o projeto civilizatório técnico-positivista de uma maior integração territorial do país, baseado no desenvolvimento do interior deprimido e despovoado. Somam-se a isso, evidentemente, o ímpeto rodoviarista de Kubitschek e a tradicional estratégia política de afastar a sede do poder dos centros mais intensos da vida social, tornando-os menos vulneráveis a manifestações de descontentamento popular. Como se sabe desde Versalhes, a “acrópole no deserto” é o refúgio ideal para a vida autossuficiente da corte principesca, embora esse isolamento nem sempre seja uma garantia de que os desmandos do poder não terminem em guilhotina.³

Dentre as diversas publicações que tomam como discussão o referido tema, o livro *Brasília: antologia crítica*, de 2012, organizado pelos arquitetos e pesquisadores Alberto Xavier e Julio Katinsky, nos propicia um vasto panorama cronológico das críticas, reflexões e desdobramentos suscitados pelo objeto em questão, nos permitindo acesso a uma boa amostra dos textos produzidos por reconhecidos intelectuais: “não somente arquitetos e urbanistas, seus analistas mais frequentes, mas sociólogos, historiadores, geógrafos, escritores, entre outros”⁴. O próprio livro, ainda em seu primeiro parágrafo, nos salienta que, nessas proporções, “nunca na história humana, uma cidade surgiu do nada e foi construída em tão curto espaço de tempo”, condições que, atreladas a outros tantos processos e fatores, despertariam ferrenhas argumentações em defesa e em oposição ao projeto e a sua construção, advindos das mais diversas personalidades, como o crítico Mário Pedrosa; o escritor André Malraux; a filósofa e urbanista Françoise Choay; o urbanista e historiador Bruno Zevi; o geógrafo Milton Santos; a arquiteta Lina Bo Bardi; o urbanista Edmund Norwood Bacon; a escritora Clarice Lispector; o urbanista William Holford, que participou do júri de seleção do Plano Piloto; e, dentre outros tantos mais profissionais⁵, o antropólogo norte-americano James Holston, que produzirá uma extensa análise e reflexão em seu livro, *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*,⁶ texto originalmente publicado em 1989 e fruto de sua estada na capital brasileira ao longo de dois anos como parte do processo de pesquisa de seu tema de doutorado: “o desenvolvimento de uma antropologia da sociedade moderna”.

³ WISNIK, Guilherme. In: BRAGA, Milton. *O concurso de Brasília: sete projetos para uma capital*. São Paulo, Cosac Naify, Imprensa Oficial do Estado, Museu da Casa Brasileira, 2010, p. 14-15.

⁴ XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (orgs.). *Brasília: antologia crítica*. São Paulo, Cosac Naify, 2012, Apresentação.

⁵ O livro *Brasília: antologia crítica*, que reuni mais de 60 autores e textos, é dividido em cinco partes principais, sendo: Os projetos e a crítica (1956-64); Pronunciamento dos autores; Consolidação da cidade (1964-87); Brasília estabelecida; e Avaliações contemporâneas (1987-2010). XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (op. cit.).

⁶ HOLSTON, James. *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. Trad. Marcelo Coelho. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

Imerso nesse universo de defensores e críticos da capital que se constituía – decorrente de uma cidade que súbita e definitivamente se incorporava ao mapa nacional a partir de sua inauguração, em 21 de abril de 1960, depois de “exatos três anos e dezessete dias”⁷ do início das obras e tal como um “oásis” em meio ao deserto –, as linhas que se seguem buscam resgatar algumas das importantes reflexões presentes no documentário *Brasília: contradições de uma cidade nova* (Figs. 1 e 2),⁸ curta-metragem dirigido em 1967 pelo cineasta Joaquim Pedro de Andrade – reconhecido como um dos importantes nomes pertencentes ao chamado Cinema Novo –, contando com a participação de figuras como o arquiteto Luís Saia e o cineasta belga Jean-Claude Bernardet como roteiristas, e tendo como financiadora e mandatária a empresa Olivetti do Brasil, companhia de origem italiana, que fundada em 1908, por um longo período, conservou seu nome atrelado à qualidade e ao design de seus produtos, e à sua participação em ações institucionais de grande vulto.

Convidados a retratar a vida na então jovem capital do país, já em meio à ditadura, seus roteiristas produziram um documentário que – por motivos de censura e pela troca da diretoria da empresa Olivetti durante as filmagens – foi exibido clandestinamente uma única vez no Festival de Brasília,⁹ no fim do ano de 1967. Ainda pouco retratado em estudos e em análises mais aprofundadas,¹⁰ principalmente, no tocante ao estudo e à crítica arquitetônica, o referido curta-metragem, que no ano de 2017, completou 50 anos, expõe, por meio de uma visão crítica – e por vezes irônica sobre determinados aspectos –, os perversos desdobramentos sociais decorrentes à sua construção e as severas condições impostas aos seus operários e familiares: os candangos.

Lucio Costa, o idealizador da capital moderna, defenderá por meio de seus textos, com “unhas e dentes”, a sua constituição.

⁷ “Período compreendido entre a instalação da Divisão de Urbanismo da Novacap, em 5 de abril de 1957, e a inauguração da cidade. WISNIK, Guilherme (op. cit.), p. 15.

⁸ *Brasília: contradições de uma cidade nova*, 1967. Direção: Joaquim Pedro de Andrade; produção: Filmes do Serro, Rio de Janeiro; roteiro: Jean-Claude Bernardet, Joaquim Pedro de Andrade e Luís Saia; assistente de direção: Jean-Claude Bernardet; narração: Ferreira Gullar; direção de produção: Joel Barcelos; direção de fotografia: Affonso Beato; assistente de câmera: João Carlos Horta.

⁹ A referida mostra, oficialmente intitulada de Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, se constituiu a partir de 1965, por meio das ações do professor Cleantho Rodrigue Siqueira, presidente da Fundação Cultural do DF, dirigida por Paulo Emílio Salles Gomes, na época, professor da Universidade de Brasília (UnB). Totalmente dedicada à profusão, debate e reflexão sobre o cinema nacional (incluindo coproduções), nela surgiram os principais nomes e filmes que compuseram a história moderna do cinema brasileiro. <<http://www.cultura.df.gov.br/historia-do-festival-de-cinema.html>>.

¹⁰ Ao que tudo indica, há poucos textos dedicados ao entendimento das ações que envolveram a execução e os desdobramentos do curta-metragem *Brasília: contradições de uma cidade nova*. Nesse universo, tivemos contatos com três fontes principais, sendo:

1. BERNARDET, Jean-Claude. *Brasília: contradições de uma cidade nova*. (texto não datado e disponível no site da empresa Filmes do Serro). <http://www.filmesdoserro.com.br/mat_br_01.asp>.
2. SANTOS, Luís Fernando Amâncio. *Brasília: contradições de uma cidade nova* (1967), um curta-metragem silenciado. Salvador, *O olho da história*, n. 18, jul. 2018.
3. SILVA, Getsemane. *Plano B*. Documentário longa-metragem. Produção: Olho do Gato, Manchado Filmes, 2013.

2. O CURTA-METRAGEM E A DEFESA DE LUCIO COSTA



Figura 3 e 4: Foto YouTube/reprodução. Superquadra de Brasília. *Brasília: contradições de uma cidade nova*, 1967. Fonte:

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2012/05/13/interna_revista_correio,299733/memoria-candanga.shtml/]

Materializada nos belos edifícios projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer, a cidade idealizada por Lucio Costa – que em seu discurso deveria inibir as desigualdades sociais tão presentes em todo o território nacional já naquele período – para muitos não logrou atingir o seu objetivo. Inclusive as primeiras famílias que ocuparam os novos e modernos apartamentos, erguidos nas superquadras (Fig. 3 e 4) sentiriam o impacto das mudanças impostas pela nova forma de morar à qual estavam sujeitos, conflito entre a “concepção do arquiteto e o gosto de seu morador”, tema já abordado nos minutos iniciais do documentário pelo seu narrador Ferreira Gullar:

A superquadra é o reino da vida familiar confortável. Protegidas dos tráfegos de veículos, as crianças dispõem de amplas áreas de recreio e escola primária na proximidade de casa. Quatro superquadras formam uma unidade autônoma de habitação coletiva, com as comodidades da vida comunitária, inclusive um clube de vizinhança. No estágio atual da construção da cidade, poucas unidades estão completas. Os clubes, como as igrejas e as escolas existentes servem a mais de uma unidade de vizinhança. Em Brasília é frequente o conflito entre arquitetura e a ornamentação, entre a concepção do arquiteto e gosto do morador.¹¹

E continua:

Para que todos os escalões do funcionalismo público pudessem conviver numa mesma área de vizinhança, os apartamentos de Brasília deveriam obedecer a três padrões econômicos distintos [...] Conforme o plano, a cidade não seria dividida em bairros ricos e bairros pobres. Haveria integração em vez de discriminação, o que não houve. Os edifícios construídos às pressas, para alojar os que primeiros que se aventuraram para trabalhar em Brasília, e que lá chegaram prudentemente sós, servem hoje às famílias em geral numerosas e de baixo poder aquisitivo.¹²

¹¹ ANDRADE, Joaquim Pedro de. *Brasília: contradições de uma cidade nova*. Documentário, 1967. <<https://www.youtube.com/watch?v=J5dCiDc6U-c>>

¹² ANDRADE, Joaquim Pedro de. (op. cit.).

Embalado ao som de *Viramundo*,¹³ de 1965, com interpretação de Maria Bethânia, *Brasília*: contradições de uma cidade nova, além de buscar retratar a realidade em torno da vida na nova capital, propicia-nos elementos para uma reflexão sobre a postura do arquiteto perante a ética profissional, pois lembramos que o arquiteto são-carlense Luís Saia, Chefe do 4º Distrito do Sphan,¹⁴ por quase quatro décadas foi subordinado ao grande mestre Lucio Costa, Diretor da Divisão de Estudos e Tombamento da referida instituição, entre os anos de 1936 a 1972. Mesmo nessa circunstância, tanto Luís Saia quanto Joaquim Pedro de Andrade – filho do então Diretor do Sphan, Rodrigo Mello Franco de Andrade, que permaneceu no cargo entre 1937 a 1967¹⁵ –, mantiveram sua postura crítica à realidade da cidade moderna, por vezes, defendida por importantes figuras – algumas já inicialmente citadas, como o escritor francês André Malraux e a arquiteta Lina Bo Bardi¹⁶ –, e entre outros tantos intelectuais, o seu próprio idealizador, Lucio Costa, que por diversas ocasiões defendeu com grande afinco seu projeto de criação da nova capital, imputando posteriormente os problemas da segregação social à não adoção plena de seus planos, a uma economia agrária escravagista e ao golpe que levou os militares ao poder, entre 1964 a 1985, fatos que o levariam a justificar o seu descontentamento e desaprovação, por fim, com o roteiro do filme produzido.

Grande parte dessa defesa pode ser encontrada nos textos que compõem uma das mais importantes publicações referentes à produção do arquiteto, o livro *Registro de uma vivência*, de 1995,¹⁷ no qual podemos identificar os “vislumbres que alimentaram o sonho de uma cidade” por meio da “costura engendrada” como um “pretexto para ressaltar as visões utópicas e a chegada de um futuro, no discurso orgulhoso” do seu criador, assim como já nos salientariam a pesquisadora Anna Paula Canez e o pesquisador Hugo Segawa, em seu artigo “Brasília: utopia que Lucio Costa inventou”.¹⁸ Nele, encontramos citado um breve trecho de “O urbanista defende a sua cidade”, texto de Lucio Costa, de 1967, que coincide com o ano de produção do curta-metragem aqui em foco, e do qual transcrevemos as suas linhas iniciais, pois essas nos parecem sintetizar boa parte dos aspectos até então aqui abordados:

Fruto embora de um ato deliberado de vontade e comando, Brasília não é um gesto gratuito de vaidade pessoal ou política, à moda da Renascença, mas o coroamento de um grande esforço coletivo em vista ao desenvolvimento nacional – siderurgia, petróleo, barragens, autoestradas, indústria automobilística, construção naval; corresponde assim à chave de uma abóbada e, pela singularidade de sua concepção

¹³ Letra de José Carlos Capinan e melodia de Gilberto Gil.

¹⁴ Acerca da obra do arquiteto Luís Saia, desenvolvida por muitos anos pelo Sphan – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –, e o contato com o arquiteto Lucio Costa, ver: SOMBRA, Fausto. *Luís Saia e o restauro do Sítio Santo Antônio*: diálogos modernos na conformação arquitetônica paulista. Dissertação. Orientador: Abilio Guerra. São Paulo, FAU Mackenzie, 2015.

<file:///C:/Users/FAUSTO/Downloads/Fausto%20Barreira%20Sombra%20Junior%20(3).pdf>

¹⁵ GONÇALVES, Janice. O Sphan e seus colaboradores: construindo uma ética do tombamento (1938-1972). Fortaleza, ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História, 2009, p. 4.

<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0217.pdf>

¹⁶ Acerca dos textos citados, ver: MALRAUX, André. Brasília, capital da esperança. Discurso preferido em Brasília, 25 ago. 1959. (Trad. Dorotheé de Bruchard); BARDI, Lina Bo. Em defesa de Brasília. *L-Architettura*.

¹⁷ Nessa publicação, Lucio Costa transcreverá importantes textos de sua autoria dedicados à defesa de seus planos para Brasília. Dentre eles: Saudação aos críticos de arte, de 1959; O urbanista defende a sua cidade, de 1967; Fiquem onde estão, posterior a 1968; Brasília revisitada, de 1987; Considerações fundamentais, de 1988. In: COSTA, Lucio. *Registro de uma vivência*. São Paulo, Empresa das Artes, 1995.

¹⁸ CANEZ, Anna Paula; SEGAWA, Hugo. Brasília: utopia que Lúcio Costa inventou. São Paulo, *Arquitextos*, ano 11, n. 125.00, Vitruvius, out. 2010. <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3629>.

urbanística e de sua expressão arquitetônica, testemunha a maturidade intelectual do povo que a concebeu, povo então empenhado na construção de um novo Brasil, voltado para o futuro e já senhor do seu destino.

Assim, a mil metros de altitude e a mil quilômetros do Rio de Janeiro, os brasileiros, não obstante a fama de comodistas e indolentes, construíram em três anos, a sua capital. E se foi construída em tão pouco tempo, foi precisamente para assegurar-lhe a irreversibilidade apesar das mudanças de administração e de governo. E de fato já resistiu, nos seus sete anos de existência, a quatro novos presidentes e vários prefeitos, e a acontecimentos de ordem política e militar imprevisíveis, prova de sua boa constituição.

Mas é natural que Brasília tenha os seus problemas, que são em verdade as contradições e os problemas do próprio país ainda em vias de desenvolvimento não integrado, onde a tradição recente de uma economia agrária escravagista e uma industrialização tardia não planejada deixaram a marca tenaz do pauperismo. A simples mudança da capital não poderia resolver estas contradições fundamentais, tanto mais que poderosos interesses adquiridos beneficiam-se desse *status quo* de “anomalia crônica” que, na periferia da cidade, já readquiriu seus direitos.¹⁹

Logo, em seguida, Lucio Costa complementarà:

Contudo, apesar desses problemas de ordem política, econômica e social – aos quais se vieram a juntar agora outros de natureza institucional –, a verdade é que Brasília existe onde há poucos anos só havia deserto e solidão; a verdade é que a cidade já é acessível dos pontos extremos do país; a verdade é que a vida brota e a atividade se articula ao longo dessas novas vias; a verdade é que seus habitantes se adaptam ao estilo novo de vida que ela enseja, e que as crianças são felizes, lembrança que lhes marcará a vida para sempre; a verdade é que mesmo aqueles que vivem em condições anormais na periferia sentem-se ali melhor que dantes; a verdade é que a sua arquitetura, despojada e algo abstrata, se insere com naturalidade no dia a dia da vida privada e administrativa, o que confere à cidade um caráter irreal e *sui-generis* que é o seu atrativo e o seu encanto; a verdade, finalmente, é que Brasília é verdadeiramente capital e não cidade de província uma vez que por sua escala e intenção ela já corresponde, apesar de todas as suas deficiências atuais, à grandeza e aos destinos do país.²⁰

Com relação à coincidência de ano da elaboração, tanto do curta-metragem quanto do texto supratranscrito, segundo o relato de Jean-Claude Bernardet, presente na página web da produtora Filmes do Serro – empresa fundada por Joaquim Pedro de Andrade, em 1965, e responsável pela produção de *Brasília: contradições de uma cidade nova* –, tanto Lucio Costa como Oscar Niemeyer estavam a par do documentário que seria produzido, mesmo sem saberem exatamente a forma como este seria estruturado:

Começamos a escrever o roteiro no Rio de Janeiro, onde morava Joaquim [...] Conversamos com Lucio Costa e Oscar Niemeyer e os informamos de que estávamos preparando um filme sobre Brasília, mas não os pusemos a par da ideia que o estruturaria, inclusive porque esta estava apenas nascendo.²¹

¹⁹ COSTA, Lucio. O urbanista defende a sua cidade. In: *Registro de uma vivência*. São Paulo, Empresa das Artes, 1995, p. 301.

²⁰ COSTA, Lucio. (op. cit.), p. 301-302.

²¹ BERNARDET, Jean-Claude. (op. cit.).

Nesse sentido, é difícil precisarmos se Lucio Costa teria escrito o texto “O urbanista defende a sua cidade”, já preocupado com as possíveis interpretações que o filme de Joaquim poderia suscitar, pois, segundo ainda Bernardet, foram diversas as entrevistas e encontros realizados com seus idealizadores:

Começamos a filmar no Rio. Lucio Costa falou sobre o Plano Piloto e nos disse ser um homem do século XIX. A seguir tivemos vários encontros com Niemeyer, no seu escritório e na sua casa. Além das filmagens, foram gravadas horas de depoimentos.²²

No mesmo relato, Bernardet citará a participação de Luís Saia, porém sem esclarecer a fundo o envolvimento do arquiteto paulista como roteirista do curta, e fará também um sucinto relato dos processos que antecederam as filmagens, desde a busca por moradores das cidades-satélites que estivessem dispostos a gravar para o documentário (Fig. 5), como o contato com a diretoria da empresa Olivetti acerca do roteiro até então produzido:

Tivemos também vários encontros com Luís Saia, não lembro se no Rio ou em São Paulo. Com ele, comentávamos com maior liberdade a situação de Brasília.

Depois de algumas semanas no Rio, Joaquim e eu fomos a Brasília para completar o roteiro. Circulamos pelas superquadras. Visitamos os prédios da Praça dos Três Poderes, estudando os espaços, as luzes e a melhor maneira de expressar cinematograficamente os espaços criados por Niemeyer. Tivemos vários encontros com Atos Bulcão, responsável pela “integração arquitetônica” da cidade. Fomos a Taguatinga e outras cidades-satélites, conversamos com pessoas que se dispuseram a dar depoimentos para o filme.

Enviamos o roteiro a São Paulo e aguardamos a resposta. Esta veio semanas depois. Havia uma anotação manuscrita em italiano na margem da sequência dedicada à universidade. O texto dizia mais ou menos o seguinte: o que deve ser dito deve ser dito, caso contrário não vale a pena fazer o filme. Tínhamos sido de fato tímidos nesta sequência, não nos parecia possível no Brasil ditatorial falar abertamente das pressões militares e policiais sobre a universidade. Edla²³ e seus colegas pensaram então que o filme poderia ter duas versões, uma para a Itália, a outra circularia no Brasil.²⁴

²² Idem.

²³ Aqui, Jean-Claude Bernardet refere-se à Sra. Edla Van Steen, contratada como assessora cultural de Riccardo Felicioli, então diretor na empresa Olivetti e responsável pela ideia da produção do referido documentário. SILVA, Getsemane. (op. cit.)

²⁴ BERNARDET, Jean-Claude. (op. cit.).



Figura 5: Foto YouTube/reprodução. Entrevista a moradores da cidade-satélite de Brasília.
Brasília: contradições de uma cidade nova, 1967.
Fonte: [<https://www.youtube.com/watch?v=oKBnXxgRenQ>]

Ainda sobre o parágrafo inicial acima, referente ao depoimento de Bernardet, na verdade, são poucas as informações conhecidas sobre a profundidade do envolvimento de Luís Saia nesse curta-metragem.²⁵ Porém, é de conhecimento o interesse do próprio arquiteto pelo tema de projetos urbanos, fato que o teria levado a inscrever-se no Concurso do Plano Piloto, em 1956, bem como a se envolver, antes, durante e depois da construção de Brasília, com outros trabalhos do gênero, desde o desenvolvimento do plano diretor da cidade de São José do Rio Preto, elaborado em 1951-1952; o plano diretor de Lins, de 1954 – este seria publicado na revista *Habitat*, n. 18, de set./out. daquele ano; *Águas de Lindoia*, de 1956; bem como o plano da cidade vizinha a Brasília, Goiânia, de 1962-1964. Também nos parece válido ressaltarmos a possível proximidade entre Joaquim Pedro de Andrade e o Chefe do 4º Distrito do Sphan, pois apenas dois anos da produção de *Brasília: contradições de uma cidade nova*, em 1969, o mesmo Joaquim produzirá o longa-metragem *Macunaíma*, adaptação da célebre rapsódia de Mário de Andrade, criada em 1928, tendo sido, o referido escritor, grande amigo e mentor de Luís Saia até o seu precoce falecimento em fevereiro de 1945.

²⁵ Os “mistérios” e a falta de esclarecimentos no qual o documentário *Brasília: contradições de uma cidade nova* foi produzido – bem como seus desdobramentos –, levaram o jornalista Getsemane Silva a escrever e produzir o longa-metragem investigativo *Plano B*, o qual tivemos a oportunidade de assisti-lo mais recentemente, durante a presente pesquisa. Entretanto, ainda que contando com a presença de alguns dos profissionais envolvidos na produção de *Brasília: contradições de uma cidade nova*, como o próprio Jean-Claude Bernardet; Joel Barcelos; Affonso Beato e Ferreira Gullar; para o nosso desapontamento, em momento algum, o nome de Luís Saia é citado.

3. “FIQUEM ONDE ESTÃO”

Complementando acerca das nossas considerações, no sentido de ratificarmos o discurso até então apresentado, possibilitando aproximar-nos dos fatos que envolveram a construção de Brasília e principalmente a defesa por parte de Lucio Costa sobre esse processo, transcrevemos abaixo, na íntegra e em três partes, o texto “Fiquem ondem estão”, escrito originalmente em francês e posterior a 1968, no qual mais uma vez o seu principal idealizador retomará o seu pensamento sobre os desdobramentos à construção de Brasília e às inapropriadas formas das moradias concedidas aos operários que a construíram, imputando essa realidade, em parte à condição social brasileira e à postura histórica de sua classe burguesa.

A construção de Brasília, no cerrado deserto [...] provocou, de início, um movimento geral de simpatia no estrangeiro [...].

Em seguida, começaram a “esnober” a cidade, acusada de ser uma oportunidade perdida porque – entre outras falhas – a população pobre estava mal alojada. Como se por uma simples transferência de capital o urbanismo pudesse resolver os vícios de uma realidade econômico-social secular. Como se o Brasil não fosse o Brasil, mas a Suécia, ou outro país qualquer devidamente civilizado. Ora, aqui, até os últimos anos do século XIX, a população obreira era constituída de escravos. Cada família pequeno-burguesa tinha em casa dois ou três escravos, de modo que depois da abolição, o comportamento escravagista permaneceu. Por um lado, o operário aceitava como natural sua condição de inferioridade – aqui, a atitude reivindicatória do proletariado é coisa recente – e, por outro lado, os burgueses, apesar da familiaridade no trato com os empregados, sempre os mantinham a distância, como anteriormente nas senzalas. Isto explica porque não foi considerada minha proposição inicial de prever, ao longo de todo o eixo rodoviário-residencial, moradia para três níveis diferentes de poder aquisitivo – o que, entretanto, não teria resolvido o problema, já que grande parte da população trabalhadora é ainda menos que pobre. A mão de obra afluiu de toda parte, de modo que em torno de cada canteiro surgiram favelas, e foi necessário transferi-las para outros lugares, à medida que o ritmo das construções diminuía.²⁶

Já na segunda parte do referido texto, Lucio Costa esclarecerá as consequências das medidas tomadas pela Novacap sobre esse mesmo tema – a moradia dos operários e a formação das cidades-satélites –, frisando, porém, que as condições de vida da então atual classe operária em Brasília seria mais adequada, quando comparada às condições de vida desses mesmos cidadãos em suas cidades natais:

A Novacap – empresa do governo incumbida de construir a capital – havia previsto três alternativas: de início, que terminadas as obras, um terço desta população retornaria ao seu estado de origem; um outro terço seria absorvido pela atividade agrícola e o terço restante pelos serviços. Mas se eles estavam mal em Brasília, estavam lá muito melhor que alhures. Ninguém quis voltar e, por outro lado, o projeto de implantação de fazendas-modelo fracassou. A Novacap escolheu então locais na periferia e, em implantação sumárias (porque os arquitetos, não estando de acordo, se abstiveram de colaborar), deu lotes de terreno às famílias transferidas, e esses núcleos – esses assentamentos improvisados – livres de limitações e beneficiando de toda sorte de facilidades, se desenvolveram rapidamente, em detrimento da cidade, ainda dispersa como um arquipélago urbano, e se tornaram como que pseudo-satélites.

²⁶ COSTA, Lucio. O urbanista defende a sua cidade. In: *Registro de uma vivência*. São Paulo, Empresa das Artes, 1995, p. 315.

Houve, por conseguinte, uma completa inversão do previsto, ou seja, a criação de cidades satélites verdadeiras uma vez atingindo o limite de 500 a 700.000 habitantes.

É preciso, portanto, levar em conta essas circunstâncias todas e reconhecer que pelo menos cada um em sua terra e sua casa, o que não acontecia antes. Muitos chegaram a enriquecer. Todas as crianças vão à escola, e existem clubes esportivos. O hospital de Taguatinga é um dos melhores.²⁷

Por fim, Lucio Costa concluirá:

Quanto às particularidades da concepção da cidade, já tentei por várias vezes explicá-las. O importante é que a cidade exista onde antes não havia nada, que se possa lá chegar vindo de qualquer parte do país, que a agricultura agora prospere, que toda a região se tenha extraordinariamente desenvolvido e que, neste curto período, Brasília se tenha tornado de fato uma capital, um cruzamento dos caminhos do país, e que já tenha um caráter diferenciado em um estilo, não apenas urbano e arquitetônico, mas de vida, que lhe é próprio. Não vale a pena sair de seus cuidados para visitar Brasília se vocês já têm opinião formada e ideias civilizadas preconcebidas. Fiquem onde estão.²⁸

4. BRASÍLIA: MENOS MODERNA E MAIS HUMANA

Embora concordando em parte com o discurso de Lucio Costa, hoje nos parece evidente que a ideologia de uma cidade setorizada aos moldes das proposições corbusianas – estruturada por um sistema rodoviarista e suas superquadras, mesmo que emolduradas por uma larga cinta arborizada –, essa não seria capaz de erradicar as mazelas há muito enraizadas na sociedade brasileira. Nessa direção, tantos outros críticos alertaram sobre as problemáticas da cidade ganhadora do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital, deixando para trás – nas palavras de Bruno Zevi –, planos como o de “Rino Levi, o de Mindlin e Palanti ou de Artigas”, “mais mecânicos e abstratos”, porém, que apresentavam nos “esquemas de suas implantações uma possibilidade de expansão, de elasticidade, de adaptabilidade que o plano de Lucio Costa não oferece.”²⁹ O mesmo Bruno Zevi nos explicitará que não se trata de um problema apenas a ser imputado aos seus idealizadores, mas também “aos problemas insolúveis de nossa cultura urbanística e arquitetônica”.³⁰

Dentro ainda dessa perspectiva, e já concordando com o discurso do antropólogo norte-americano James Holston – citado no início de nosso texto –, devemos frisar que de forma alguma condenamos a postura otimista e inovadora de seus idealizadores nos processos oriundos da construção de Brasília. Pelo contrário, é com grande admiração que louvamos a iniciativa como as de Lucio Costa, Oscar Niemeyer e tantos outros, que “com grande competência e empenho, assumiram o risco de tornar pública a sua visão de um novo Brasil.”³¹ Por outro lado, e tal como já adotado por diversos pesquisadores, a necessidade e a relevância de buscarmos nos aprofundar criticamente sobre os discursos construídos e cultivados ao longo de tantos anos

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ ZEVI, Bruno. Seis perguntas sobre a nova capital sul-americana. *L-Architettura – Cronache e Storia*, n. 51, jan. 1960 (Trad. Eugênio Vinci de Moraes). In XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. *Brasília: antologia crítica*. São Paulo, Cosac Naify, 2012, p. 67.

³⁰ ZEVI, Bruno. (op. cit.).

³¹ HOLSTO, James. *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. Agradecimentos. (Trad.: Marcelo Coelho). São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 8.

acerca do presente tema, poderá nos auxiliar no aperfeiçoamento das soluções e na correção das diversas problemáticas urbanas presentes em nossa capital e em outras tantas cidades modernas, que guardada as devidas proporções, foram constituídas em moldes similares. Nessa direção, Joaquim Pedro de Andrade, com seus colaboradores, no nosso entendimento, já buscariam, com *Brasília*: contradições de uma cidade nova, compartilhar a visão de uma Brasília (Fig. 6) um pouco mais humana e menos moderna e tão perfeita como os seus idealizadores a vislumbraram.³²

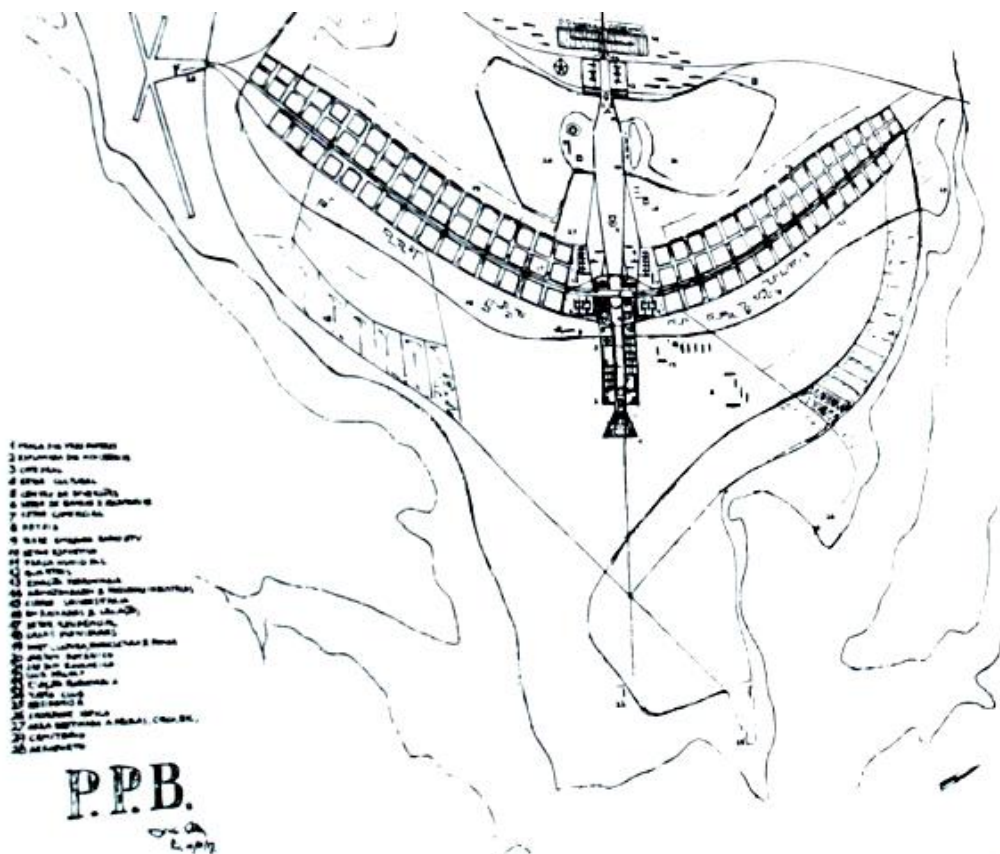


Figura 6: Croqui do Plano Piloto de Brasília. Lucio Costa, 1957.

Fonte: Junior Aragão [http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/02/shopping-de-brasilia-recebe-mostra-sobre-relatorio-do-plano-piloto.html]

³² O presente texto foi desenvolvido no segundo semestre de 2017 como resultado final dos temas tratados na disciplina *Teoria e Crítica do Urbanismo*: ideário internacional e projetos urbanos no Brasil, aula ministrada pelo Prof. Dr. José Geral Simões Jr. e pelo Prof. Dr. Roberto Righi.

5. REFERÊNCIAS

BRAGA, Milton. **O concurso de Brasília**: sete projetos para uma capital. São Paulo, Cosac Naify, Imprensa Oficial do Estado, Museu da Casa Brasileira, 2010.

BRASÍLIA: contradições de uma cidade nova, 1967. Direção: Joaquim Pedro de Andrade; produção: Filmes do Serro, Rio de Janeiro; roteiro: Jean-Claude Bernardet, Joaquim Pedro de Andrade e Luís Saia; assistente de direção: Jean-Claude Bernardet; narração: Ferreira Gullar; direção de produção: Joel Barcelos; direção de fotografia: Affonso Beato; assistente de câmera: João Carlos Horta.

BRASÍLIA: edição histórica. Rio de Janeiro, Editora Bloch, Manchete, 21 abr. 1960.

CANEZ, Anna Paula; SEGAWA, Hugo. **Brasília: utopia que Lúcio Costa inventou**. São Paulo, *Arquitextos*, ano 11, n. 125.00, Vitruvius, out. 2010. <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3629>>.

COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. São Paulo, Empresa das Artes, 1995.

GONÇALVES, Janice. **O Sphan e seus colaboradores: construindo uma ética do tombamento (1938-1972)**. Fortaleza, ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História, 2009.

HOLSTON, James. **A cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. Trad. Marcelo Coelho. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

MALRAUX, André. **Brasília, capital da esperança**. Discurso preferido em Brasília, 25 ago. 1959. (Trad. Dorotheé de Bruchard); BARDI, Lina Bo. Em defesa de Brasília. *L-Architettura*.

SANTOS, Luís Fernando Amâncio. **Brasília**: contradições de uma cidade nova (1967): um curta-metragem silenciado. Salvador, O olho da história, n.18, jul. 2018.

SILVA, Getsemane. **Plano B**. Documentário longa-metragem. Produção: Olho do Gato, Manchado Filmes, 2013.

SOMBRA, Fausto. **Luís Saia e o restauro do Sítio Santo Antônio**: diálogos modernos na conformação arquitetônica paulista. Dissertação. Orientador: Abilio Guerra. São Paulo, FAU Mackenzie, 2015.

XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (orgs.). **Brasília**: antologia crítica. São Paulo, Cosac Naify, 2012.

ZEVI, Bruno. Seis perguntas sobre a nova capital sul-americana. *L-Architettura – Cronache e Storia*, n. 51, jan. 1960 (Trad. Eugênio Vinci de Moraes). In XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. **Brasília**: antologia crítica. São Paulo, Cosac Naify, 2012, p. 67.